

Retórica e interdisciplinaridade: uma conversa com Christopher Tindale*

Entrevistado: Christopher W. Tindale

University of Windsor (UW), Canadá
orcid.org/0000-0002-2820-1416

Tradução:

Lucas Pivetta Maciel e Theodoro Casalotti Farhat
Universidade de São Paulo (USP), Brasil

Nesta entrevista, mergulhamos na carreira do Professor Christopher Tindale, desde os seus anos de doutorado, passando pelo seu trabalho na Universidade de Trent, até seu convite para se juntar ao Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric (CRRAR) da Universidade de Windsor, onde trabalha atualmente. Falamos sobre sua experiência no CRARR e da sua interação com outros importantes estudiosos da argumentação, bem como sobre o papel que o Centro desempenha atualmente na formação de pesquisadores em argumentação. O nosso foco, no entanto, é o trabalho do Professor Tindale sobre a teoria da argumentação. Discutimos a história e a concepção de alguns de seus livros, assim como algumas das ideias mais importantes desenvolvidas neles. Nesse processo, os leitores conhecerão a perspectiva de Tindale sobre Retórica, auditório, falácia, pensamento crítico e antropologia da argumentação. Assim, esperamos proporcionar uma melhor compreensão da importância de seu trabalho no campo da argumentação.

Palavras-chave: Retórica; Interdisciplinaridade; Argumentação; Auditório; Raciocínio.

Retórica e interdisciplinariedad: una conversación con Christopher Tindale

En esta entrevista, nos sumergimos en la carrera del profesor Christopher Tindale, empezando por sus años como estudiante de doctorado, pasando por su trabajo en la Universidad de Trent, hasta su invitación a unirse al Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric (Centro de Investigación en Razonamiento, Argumentación y Retórica, CRRAR) de la Universidad de Windsor, donde trabaja actualmente. Hablamos de su experiencia en el CRRAR y de su interacción con otros importantes especialistas en argumentación, así como del rol que el Centro desempeña hoy en la formación de investigadores en argumentación. Sin embargo, nuestro énfasis recae en el trabajo del profesor Tindale sobre la teoría de la argumentación. Discutimos la historia y la concepción de algunos de sus libros, junto con algunas de las ideas más importantes desarrolladas en ellos. En este proceso, los lectores conocerán la perspectiva de Tindale sobre la retórica, las audiencias, la falacia, el pensamiento crítico y la antropología de los argumentos. Al hacer este recorrido, esperamos que puedan comprender mejor la importancia de la obra del profesor Tindale para el campo de la argumentación.

Palabras clave: Retórica; Interdisciplinariedad; Argumentación; Audiencia; Razonamiento.

Rhetoric and interdisciplinarity: a conversation with Christopher Tindale

In this interview, we dive into Professor Christopher Tindale's career, starting from his years as a doctoral student, passing through his work at the University of Trent until his invitation to join the Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric (CRRAR) at the University of Windsor, where he presently works. We talk about his experience in CRARR and his interaction with other important argumentation scholars, as well as the role the Centre plays nowadays in training argumentation scholars. Our focus, however, is on Professor Tindale's work on argumentation theory. We discuss the history and the conception of some of his books, together with some of the most important ideas developed therein. In this process, readers will learn about Tindale's perspective on Rhetoric, audiences, fallaciousness, critical thinking, and the anthropology of arguments. In doing so, we hope they will have a better grasp of the importance of Professor Tindale's work in the argumentation field.

Keywords: Rhetoric; Interdisciplinarity; Argumentation; Audience; Reasoning.

* A Revista EID&A agradece a Christopher Tindale pela gentil entrevista concedida a Paulo Roberto Gonçalves-Segundo e Gabriel Isola-Lanzoni.



Nesta edição, a EID&A tem a honra de entrevistar o Professor Christopher Tindale, atual diretor do *Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric* (CRRAR) [Centro de Pesquisa em Raciocínio, Argumentação e Retórica] da Universidade de Windsor e coeditor da revista *Informal Logic*. Ao desenvolver uma perspectiva que “incorpora o lógico e o dialético no retórico” e ao enfrentar o desafio da interdisciplinaridade para uma compreensão abrangente da argumentação, o Professor Tindale aborda muitos tópicos relevantes no campo dos estudos da argumentação com diferentes lentes, fornecendo novas percepções teóricas e ferramentas analíticas, algumas das quais discutiremos abaixo. Sua vasta produção científica e seu impacto na comunidade de estudiosos da argumentação são sinais de sua capacidade de levantar novas questões e fornecer respostas instigantes.

Nesta entrevista, mergulhamos em sua carreira, desde seus anos de doutorado, passando por seu trabalho na Universidade de Trent até seu convite para ingressar no CRARR da Universidade de Windsor, onde atualmente trabalha. Sua experiência no CRARR e sua interação com outros importantes estudiosos da argumentação também serão discutidas, assim como o papel que o Centro desempenha atualmente na formação de pesquisadores em argumentação. Nosso foco, no entanto, é o trabalho do Professor Tindale na teoria da argumentação. Discutimos a história e a concepção de alguns de seus livros, assim como algumas das ideias mais importantes desenvolvidas neles. Nesse processo, os leitores conhecerão a perspectiva de Tindale sobre Retórica, auditório, falácia, pensamento crítico e antropologia da argumentação. Assim, esperamos que todos tenham uma melhor compreensão da importância do seu trabalho no campo da argumentação.

Convidamos você a juntar-se a nós nesta incrível conversa! Boa leitura!

EID&A: Antes de começarmos, gostaríamos de agradecê-lo, Professor Christopher Tindale, por nos conceder esta entrevista. Ficamos honrados em poder conversar com você sobre algumas questões importantes no campo da argumentação e apresentar aos leitores, especialmente à comunidade sul-americana de pesquisadores de argumentação, algumas de suas posições sobre o tema, construídas ao longo de décadas de pesquisas sérias e inovadoras sobre Retórica e Teoria da Argumentação.

Professor Tindale, sua tese de doutorado na Universidade de Waterloo discutiu questões importantes no campo da Filosofia da Linguagem relativas à fenomenologia e aos atos de fala. Com o tempo, seu trabalho se deslocou para uma abordagem

interdisciplinar da argumentação. Como ocorreu esse processo? Quais foram as motivações para essa mudança?

Christopher Tindale: Em primeiro lugar, obrigado pelo convite para discutir meu trabalho e algumas das ideias envolvidas. Fico agradecido. Nós, “do norte”, estamos conscientes há algum tempo do crescimento do interesse pela argumentação em toda a América do Sul, então esta é uma oportunidade bem-vinda para entrarmos em contato com essa comunidade de estudiosos.

Não houve uma mudança no foco do trabalho que realizei em meu doutorado em relação à área na qual eu acabei me “estabelecendo”. Na tese, explorei parcialmente as formas como o modelo de atos de fala de J. L. Austin diferencia-se do modelo de Searle, que se tornou, em muitos aspectos, a maneira padrão de olhar para a teoria após a morte precoce de Austin. Eu ainda acho que Austin teria levado a teoria numa direção diferente, olhando mais adiante para o que ele chamou de “o ato de fala total na situação de fala total” (1962, p. 148), e qualquer um que acompanha meu trabalho compreenderá a influência dessa ideia até o livro de 2021. É um passo pequeno da exploração da situação de fala total para a exploração da situação argumentativa total.

O estudo da fenomenologia (principalmente o trabalho de Merleau-Ponty) também não estava tão desconectado, pois um congresso pouco conhecido, realizado em 1958, que buscou reunir filósofos do Reino Unido e da Europa continental (e que não foi um sucesso, ao que parece), contou tanto com Chaïm Perelman quanto com Merleau-Ponty. Eles tinham ideias muito parecidas sobre a natureza da comunicação e eu frequentemente especulo sobre que conversas podem ter ocorrido entre eles. Mais uma vez, o impacto da teoria da argumentação de Perelman no meu trabalho estará evidente para meus leitores.

Então, quando tive a oportunidade de começar a dar cursos de graduação sobre raciocínio (que se tornaram cursos de argumentação), eu via primeiramente esse trabalho como parte da categoria da filosofia da linguagem. Essas conexões ainda existem, embora, como você observou, o campo seja hoje muito mais interdisciplinar.

EID&A: Você trabalhou por mais de vinte anos na Universidade de Trent, antes de ingressar em Windsor, em 2006, onde trabalha desde então, desenvolvendo pesquisas e orientando estudantes no *Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric* (CRRAR). Durante esses anos em Trent, sua produção sobre argumentação tornou-se bastante significativa. Destacamos dois livros: *Acts of*

Arguing: A Rhetorical Model of Argument (1999) [*Atos Argumentativos: um Modelo Retórico do Argumento*, em tradução livre] e *Good Reasoning Matters! A Constructive Approach to Critical Thinking* (2004) [*Raciocinar bem importa! Uma Abordagem Construtiva para o Pensamento Crítico*, em tradução livre], em coautoria com o Professor Leo Groarke. Gostaríamos de nos aprofundar nesses livros:

A. Em *Acts of Arguing*, você, por um lado, adere à tradição de conceber a argumentação em termos de suas dimensões lógica, retórica e dialética, posição que remonta principalmente a Aristóteles e é ecoada em trabalhos contemporâneos, como os de Wenzel e, mais recentemente, de Bermejo-Luque. Por outro lado, você defende a centralidade da dimensão retórica, distinguindo-se, assim, tanto da escola lógico-informal, que tende a considerar a dimensão lógica como nuclear, quanto da escola pragmatialética, que assume a dimensão dialética como crucial. Quais razões o levaram e ainda o levam a tomar a dimensão retórica como central? Quais, em sua opinião, são os ganhos teóricos e analíticos resultantes dessa posição?

Christopher Tindale: Respondendo primeiro à segunda pergunta, acho que abordar a argumentação a partir de uma direção retórica permite uma compreensão muito mais abrangente dos elementos envolvidos. Eu aprendi sobre argumentos em aulas de lógica, nas quais eles eram basicamente apresentados como discursos desconectados de qualquer interação dinâmica. A lógica informal (que também me foi ensinada) visava, como gosto de dizer, trazer a argumentação de volta às suas raízes humanas. Mas seu êxito foi apenas parcial, pelo menos em suas primeiras versões. E isso porque lhe faltava uma compreensão da retórica e do papel do auditório (havia um reconhecimento importante do contexto, mas se tratava de um conceito subdesenvolvido). Então, em relação à primeira pergunta, acho que temos que começar com uma situação argumentativa que tira muito de suas percepções da situação retórica que condiciona as interações argumentativas. Essa situação envolve uma série de fatores, incluindo o argumentador, o auditório e a argumentação que emerge entre eles. Não podemos compreender plenamente este último elemento sem uma compreensão aprofundada sobre os outros. Claro, o lógico e o dialético também são perspectivas importantes e qualquer argumento pode ser abordado a partir dessas perspectivas. Mas, como digo, uma compreensão abrangente da argumentação incorpora o lógico e o dialético ao retórico.

B. *Good Reasoning Matters!* é um livro que resulta de uma parceria com Leo Groarke, outro importante pesquisador no campo da argumentação, especialmente da argumentação multimodal. Nesse livro, a relação entre a teoria da argumentação e o movimento do pensamento crítico, derivado das obras de John Dewey, é evidente. Como você vê a relação entre a argumentação e o pensamento crítico? Em que medida esse movimento impactou o seu pensamento sobre a argumentação?

Christopher Tindale: Este livro tem uma longa história, que é relevante para a minha resposta. Sua primeira edição foi publicada em 1989 pela editora canadense McClelland & Stewart (que mais tarde leiloou o livro para a Oxford, depois de ter cessado a maior parte de sua publicação acadêmica). J. Frederick Little também foi um de seus autores. Fred havia sido meu professor de lógica na graduação e foi autor de um livro chamado *Critical Thinking and Decision Making* (1980) [*Pensamento Crítico e Tomada de Decisões*, em tradução livre]. Quando, mais tarde, ele teve a oportunidade de publicar uma versão atualizada com a McClelland & Stewart, ele me chamou, como um ex-aluno, para ser coautor. Sugeri que Leo se juntasse a nós, já que ele e eu tínhamos começado a trabalhar juntos. Então, *Good Reasoning Matters!* teve suas origens em um texto de Pensamento Crítico puro. Fred se aposentou em seguida, e o resto é história. Com o desenvolvimento do campo da argumentação, *Good Reasoning Matters!* passou por modificações para se manter atualizado. No próximo ano (2023), a Oxford publicará uma sexta edição, amplamente revisada.

Atualmente, quase todos os que trabalham no campo percebem linhas rígidas que dividem o pensamento crítico da argumentação. O Pensamento Crítico, por exemplo, tende a se concentrar no desenvolvimento de habilidades particulares que ajudam os estudantes a lidar com uma gama de materiais em todas as disciplinas e em todas as esferas da sociedade. É por isso que se trata de um empreendimento em grande parte pedagógico. A argumentação, da forma como a vemos, é uma preocupação muito mais interdisciplinar, com um núcleo teórico profundo. Ela se esforça para entender seres humanos enquanto argumentadores e os modos como a argumentação impactou o mundo em que vivemos e continua a modificar os ambientes em que pensamos e agimos. Tais preocupações parecem estar para além daquelas do Pensamento Crítico. Assim, embora suas respectivas preocupações ainda se sobreponham de formas importantes, elas têm domínios de interesse e especialização bastante independentes.

EID&A: Sabe-se que *Os usos do argumento* (em inglês, *The Uses of Argument*), de Stephen Toulmin, e o *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica* (em francês, *Traité de l'argumentation: La nouvelle rhétorique*), de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, foram as obras responsáveis pelo renascimento dos estudos de argumentação no século XX. Ambos se posicionaram claramente contra a hegemonia da lógica formal no estudo da argumentação e propuseram perspectivas alternativas sobre o argumentar. Entretanto, coube à sua geração consolidar o campo e construir espaços de legitimidade para tais estudos nas universidades. Para tanto, foi certamente necessário construir parcerias e associações, realizar programas de intercâmbio, fundar e editar periódicos e buscar financiamento. Você poderia nos falar um pouco sobre como esse processo se desenrolou?

Christopher Tindale: Sim, os livros de Toulmin e Perelman & Olbrechts-Tyteca foram fundamentais para o desenvolvimento do campo como ele é hoje e continuam sendo textos seminais. É uma das grandes coincidências da história acadêmica que esses dois livros, chegando essencialmente ao mesmo lugar, mas vindo de direções tão diferentes, tenham sido publicados no mesmo ano (1958). E é igualmente surpreendente que esses estudiosos não se conheçam. Mas essa é uma outra história.

Eu acho que você elaborou (e começou a responder) a pergunta: o que é uma disciplina, como ela é formada? E, de fato, ela surge por meio da reunião entre pensadores com ideias semelhantes e que reconhecem algo no trabalho um do outro; da organização de congressos em nível continental e internacional; do surgimento de periódicos, a partir do momento em que existe um núcleo de temas suficiente para justificá-los; e, então, da literatura pedagógica e teórica, de modo a dar ao campo alcance e lastro.

Tudo isso começou a acontecer para nós nos anos 70 e no início dos anos 80. Eu era um pesquisador iniciante naqueles tempos, mas tive a sorte de discutir com figuras importantes, como Tony Blair, Frans van Eemeren e Stephen Toulmin. Tony e Frans se encontraram em bares após congressos, reconheceram interesses comuns e estabeleceram planos para a *International Society for the Study of Argumentation* (ISSA) [*Sociedade Internacional para o Estudo da Argumentação*], que se reuniu pela primeira vez em 1986. Antes disso, em Windsor haviam ocorrido congressos sobre Lógica Informal (seriam três no total), e esses eventos levaram à formação da *Ontario Society for the Study of Argumentation* (OSSA) [*Sociedade de Ontário para o Estudo da Argumentação*]. Nossos congressos eram geralmente modestos em tamanho, mas chamavam a atenção, especialmente de estudiosos em campos cognatos. Eles

reconheciam que todos nós estávamos muitas vezes fazendo as mesmas coisas, mas utilizando terminologia e metodologia diferentes. Por exemplo, nos primeiros congressos da OSSA, que, com o passar do tempo, acabaram sendo organizadas por Hans V. Hansen com minha ajuda, houve um esforço deliberado para alcançar outras comunidades, o que ficava refletido nos títulos dos eventos. Assim, tivemos congressos sobre Argumentação e Educação, Argumentação e Retórica e assim por diante. Elas atraíam tanto acadêmicos jovens quanto pesquisadores consolidados, alguns dos quais vinham, davam uma olhada e depois iam embora; outros, contudo, ficavam, voltando evento após evento. E, então, uma comunidade interdisciplinar começou a crescer. Algo semelhante aconteceu com os congressos da ISSA em Amsterdã. E, é claro, com o tempo, o campo cresceu, possibilitando ainda mais eventos acadêmicos em todo o mundo.

Seguiram-se periódicos e monografias acadêmicas. O periódico *Informal Logic* surgiu a partir dos primeiros encontros em Windsor, suprimindo a necessidade de estudos sérios sobre a natureza da racionalidade cotidiana. Na verdade, a revista começou como um boletim informativo em 1978, mas tornou-se um periódico consolidado de referência em 1984, obtendo o financiamento governamental que a sustenta até hoje e permite que seja publicada em formato *open access*. Nossa revista irmã, a *Argumentation*, surgiu a partir da mesma iniciativa que fundou a ISSA, com o primeiro número publicado em 1987. Desde então, assim como os congressos, revistas centradas no tema têm surgido em vários continentes, à medida que o interesse cresce.

Com os congressos e os periódicos estabelecidos, o crescimento da literatura continuou naturalmente. É possível que a bibliografia inicial tivesse um foco mais pedagógico, associado ao interesse em ensinar argumentos de forma não tradicional (ou seja, não formal). Mas a necessidade de se pesquisar sobre vários aspectos da argumentação – e em várias disciplinas – logo ficou clara. E esse continua a ser o caso. Em muitas disciplinas, a maioria das questões importantes de pesquisa já foi abordada diversas vezes; porém, no nosso campo há novas questões surgindo o tempo todo. Isso é importante para os jovens pesquisadores, que podem vislumbrar modos de impactar a área, discutindo aspectos que foram pouco ou nada explorados.

EID&A: A Universidade de Windsor, onde você trabalha desde 2006, é considerada hoje um dos grandes centros de estudo da argumentação no mundo e, certamente, o núcleo do movimento lógico-informal, cujas origens remontam ao trabalho de Anthony Blair e Ralph Johnson no final dos anos 70. O *Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric* (CRRAR), que você dirige atualmente, reúne

pesquisadores e estudantes de todo o mundo, desenvolvendo estudos inovadores sobre argumentação.

Embora o movimento lógico-informal não seja totalmente coeso do ponto de vista teórico-metodológico – já que há aqueles que defendem a centralidade da dimensão lógica, como Blair, e outros que atribuiriam tal centralidade à dimensão dialética, como Walton e, talvez, Johnson –, poderíamos dizer que a dimensão retórica é a mais frequentemente deixada em segundo plano nas discussões desenvolvidas pela escola canadense. Como um dos pesquisadores que têm se centrado, contemporaneamente, no desenvolvimento de conceitos relacionados à Retórica, imaginamos que você tenha se envolvido em discussões e debates prolíficos com colegas e estudantes a respeito da natureza do argumentar, da argumentação e do argumento.

A. Como foi sua integração ao *Centre for Research in Reasoning, Argumentation and Rhetoric* (CRRAR)?

Christopher Tindale: Como você apontou, mudei-me para Windsor em 2006, ano em que o CRRAR foi formado, tendo Blair e Johnson como codiretores. É do meu entendimento que ao avaliarem o nome que o centro teria, adicionaram o “R” de Retórica para acomodar o meu envolvimento e a perspectiva específica que esperavam que eu trouxesse ao grupo. De fato, as reações à retórica entre meus colegas variaram de entusiasmo (Blair e, em alguma medida, Hansen e Pinto) até ceticismo (Johnson) e indiferença benigna (Walton, depois de juntar-se a nós em 2008). Mas sempre trabalhamos bem juntos, formando coletivamente algo como um mosaico, em vez de uma posição única e focada (como ocorre com a Pragmadiálética neerlandesa, por exemplo). Isso realmente acabou atrapalhando a tentativa de Tony Blair de desenvolver uma “Abordagem de Windsor” com a qual todos poderiam comprometer-se (algo que nunca aconteceu), mas, apesar disso, acho que trabalhamos muito bem juntos e que a perspectiva retórica passou a ser uma parte natural das nossas discussões.

B. Em que medida as diferentes posições dos pesquisadores do centro contribuíram para a sua visão sobre argumentação?

Christopher Tindale: É impossível trabalhar em um ambiente tão vibrante e produtivo sem ser fortemente influenciado pelo que se passa à sua volta. Tenho sido influenciado de duas formas importantes (entre outras, certamente). Em primeiro lugar, meus colegas e as visões deles serviram de caixa de ressonância crítica para as

minhas próprias ideias. Eles são, muitas vezes, o primeiro auditório para quem escrevo, porque me obrigam a ser mais claro e cuidadoso no que digo, sempre oferecendo retorno crítico e construtivo. Frequentemente apresento um artigo na nossa série semanal de seminários às sextas-feiras e, depois, para além do período de discussão habitual que se segue, durante o fim de semana, recebo comentários por escrito sugerindo mudanças e recomendando a consulta a outros trabalhos. Em segundo lugar, o próprio trabalho dos meus colegas me leva a algumas direções que, se não fosse por eles, eu poderia não ter seguido (eu não sei se teria dado tanta atenção à teoria dos esquemas argumentativos, por exemplo, tentando integrá-la à perspectiva retórica). Eles me recomendam bibliografias que me são úteis e mostram a importância de ideias de disciplinas cognatas que podem ser proveitosamente integradas ao meu próprio trabalho. Assim, quando menciono meus colegas na seção de “Agradecimentos” de um livro, é porque estou plenamente consciente do que lhes devo por muitas das ideias e das discussões que aparecem no livro.

C. Em contrapartida, como você vê a influência de seu trabalho no corpo de conhecimento desenvolvido no CRRAR?

Christopher Tindale: Há hoje uma maior compreensão da importância da retórica na argumentação (e na lógica informal). Os primeiros lógicos informais (como Blair e Johnson) tinham pouca familiaridade com a retórica e, por isso, tendiam a adotar a visão pejorativa tradicional. Essa perspectiva foi sendo alterada quando eles começaram a interagir com os membros da comunidade de pesquisadores em comunicação e oratória nos EUA. Além disso, acho que meu trabalho ajudou algumas pessoas a ver como as reflexões retóricas são importantes para muito do que fazemos. Por exemplo, acho que uma leitura superficial de autores como Perelman foi sendo aos poucos substituída por uma compreensão mais profunda de suas ideias e por uma leitura mais séria de textos como o *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Como eu digo, não acho que eu seja o único responsável por essa mudança. Se não tivesse havido uma abertura à argumentação retórica, eu provavelmente nem teria sido convidado a entrar para o centro.

EID&A: A interdisciplinaridade é um traço marcante de sua carreira acadêmica, uma postura que está claramente visível em *Retórica y teoría de la argumentación contemporáneas: Ensayos escogidos de Christopher Tindale*, uma coleção de trabalhos editados por Cristián Santibáñez e traduzidos para o espanhol. Cada capítulo mostra diferentes aspectos desse empreendimento interdisciplinar. Há diálogos com os

Estudos da Linguagem e do Discurso, especialmente com o trabalho do Círculo de Bakhtin; com os Estudos Cognitivos, especialmente com a Teoria da Relevância; com a Antropologia; entre outras perspectivas. Nas próximas perguntas, gostaríamos de discutir alguns conceitos, caros à teoria da argumentação, que se tornaram objetos de investigação em seus livros mais recentes:

A. O trabalho de Perelman tem um papel significativo em sua abordagem da argumentação. Em um livro recente, *The Philosophy of Argument and Audience Reception* (2015) [*A Filosofia do Argumento e da Recepção do Auditório*, em tradução livre], você consolida uma perspectiva sobre a noção de auditório e seu lugar em uma teoria da argumentação, desenvolvida ao longo de décadas. Como você definiria a relevância do auditório para um estudo argumentativo? De que forma a sua posição sobre o conceito difere da visão perelmaniana?

Christopher Tindale: A adoção de uma perspectiva retórica sobre a argumentação traz necessariamente o auditório para o centro das reflexões. Ao dar destaque especial ao auditório, Perelman está seguindo a tradição de Aristóteles, que defende que há três gêneros de retórica *justamente porque* há três auditórios. O papel do auditório influencia tanto a construção da argumentação – ao considerarmos “O que é esse auditório ao redor do qual a argumentação está centrada?” (PERELMAN, 1982, p. 13); a que crenças esse auditório já adere e quais estratégias poderiam atingir o auditório mais adequadamente? – quanto a avaliação da argumentação, pois julgamos um argumento como forte em relação às circunstâncias particulares da situação em que ele surge. Mais especificamente, não podemos julgar o valor de um argumento sem observar com atenção as características do auditório, incluindo as objeções que o auditório pode levantar contra o argumento. Perelman (e Olbrechts-Tyteca) consideravam a capacidade de resistir à refutação o critério-chave para um argumento forte no *Tratado da Argumentação* (1969 [1958], p. 461).

Essas reflexões são fundamentais para a abordagem que assumo. É claro que, assim como Perelman foi capaz de expandir a concepção de auditório para além do que Aristóteles poderia imaginar, também podemos expandi-la para além das preocupações de Perelman, de modo a incluir auditórios virtuais, auditórios interculturais e auditórios históricos. Cada um traz à tona novas questões e requer diferentes focos de atenção.

Os auditórios que Perelman aborda, especialmente em sua discussão sobre argumentos fortes, refletem a diversidade de comunidades ou de campos (semelhantes ao que Toulmin identificou) em que a argumentação ocorre, com as

diferentes formas de construção de conhecimento relevantes para essas comunidades (1969 [1958], p. 464). Todavia, como sabemos, a maior e mais controversa concepção de auditório no trabalho de Perelman é a de auditório universal. Não há aqui espaço para uma discussão detalhada e equilibrada que tal conceito sempre requer. Basta dizer que deixei de usá-lo em meu próprio trabalho, preferindo falar de “ambientes cognitivos” ao discutir o fundo ou ambiente comum que dá a qualquer auditório acesso às crenças e aos valores que são considerados razoáveis em sua comunidade. Em última análise, esse é o único senso de objetividade que pode funcionar em uma abordagem pluralista e, à medida que os ambientes cognitivos que compartilhamos vão se expandindo, esse conceito é suficiente para resistir às tendências de relativismo extremo e para fornecer todos os critérios para julgar o que é razoável em um determinado caso.

B. Em *Fallacies and argument appraisal* (2007) [*Falácias e avaliação de argumentos*, em tradução livre], você não só define e exemplifica tipos de falácias, mas também apresenta uma discussão relevante sobre a natureza da falaciosidade. A questão da avaliação de argumentos sempre foi um tema controverso nos estudos da argumentação, uma vez que os critérios de avaliação dependem de uma série de fatores. De modo primário, poderíamos dizer que a avaliação depende, em grande parte, dos princípios que orientam a teoria que está sendo empregada e dos objetivos da análise. Além disso, para muitos pesquisadores, ela requer sensibilidade ao contexto, ao auditório, à própria prática argumentativa, entre outros fatores, não podendo ser reduzida ao estudo do raciocínio isoladamente. Qual a sua opinião sobre falácias e o problema da falaciosidade? Considerando as práticas discursivas digitais contemporâneas, a relevância sociopolítica das notícias falsas e a força das máquinas de manipulação, existe um espaço fértil para novas reflexões sobre falácias, em termos teóricos ou metodológicos?

Christopher Tindale: Embora o estudo das falácias seja uma das partes mais antigas de nosso campo e tenha sido o foco dos primeiros trabalhos em lógica informal, trata-se de um tópico que nunca perde importância e atualidade, necessitando ser constantemente repensado à luz da pesquisa em campos cognatos. Hoje, precisamos complementar esse estudo com o rico material que surgiu na Filosofia e na Psicologia Cognitiva sobre a natureza das crenças falsas e sobre as explicações para comportamentos aparentemente irracionais. Sim, algumas pessoas são vulneráveis a argumentos falaciosos e outras tiram proveito disso. E isso continua a ser um tópico de interesse. Por que as pessoas deixam de ver a falaciosidade no seu próprio

raciocínio e no raciocínio alheio? Mas essa pergunta precisa ser considerada em termos do que aprendemos sobre os viesamentos cognitivos e as formas como as pessoas defendem crenças falsas com base em sua identidade cultural (KAHAN; BRAMAN, 2006), seu ambiente epistêmico (LEVY, 2021), ou até mesmo porque, por várias razões, elas não acreditam de fato no que afirmam acreditar (MERCIER, 2020). Tais sugestões nos levam à psicologia do raciocínio, que é uma área a que os lógicos informais, pelo menos, têm relutado em ir. Nesse sentido, uma compreensão mais adequada de fenômenos como “notícias falsas” e “fatos alternativos” exigirá uma teoria da argumentação enriquecida por esse material.

EID&A: No seu último livro, *The Anthropology of Argument: Cultural Foundations of Rhetoric and Reason* [A Antropologia do Argumento: Fundamentos Culturais da Retórica e da Razão, em tradução livre], você questiona a tradição ocidental de estudar a argumentação em termos de proposições e relações entre proposições, propondo uma rediscussão sobre a natureza da própria argumentação com base em uma perspectiva que coloca em primeiro plano a experiência humana situada cultural e historicamente. Uma das consequências de tal perspectiva é o reconhecimento da relevância da multimodalidade nas práticas argumentativas. Em que medida uma perspectiva antropológica afeta a visão sobre argumentos e argumentação que circula academicamente hoje e que se reflete nas práticas educacionais?

Christopher Tindale: A resposta é, infelizmente, “de forma muito limitada”. Mas espero que isso mude. As principais teorias de argumentação que aprendemos nas escolas e que agora ensinamos podem, de fato, ser produtos de isolamento cultural. Sim, a argumentação é um fenômeno universal. Nós somos uma espécie argumentativa, do mesmo modo como somos uma espécie retórica. E essas coisas nos dizem algo importante sobre nós mesmos e sobre como interagimos. O que quero dizer, contudo, é: será que os detalhes específicos de uma teoria que funciona bem na América do Norte ou na Europa podem ser simplesmente transferidos para um ambiente cultural diferente, sem que alguns de seus pressupostos sejam questionados ou alguns de seus aspectos sejam repensados? A Antropologia da Argumentação precisa analisar não apenas o modo como as pessoas vieram a utilizar a argumentação no passado, mas o modo como argumentamos hoje em ambientes muito diferentes (e essa é mais uma razão pela qual o conceito de auditório universal pode ter perdido sua utilidade). Michael Gilbert (o promotor da multimodalidade) observou, por exemplo, o quanto o modo emocional é mais evidente na argumentação que ele encontrou na América Central e na América do Sul.

Para levar essa questão adiante, a Lógica Informal surgiu como uma resposta à forma como a argumentação estava sendo ensinada em uma determinada parte do mundo, e seu sucesso inicial teve muito a ver com o modo como enfrentou os desafios específicos que identificou em cada local. A Pragmadialética, de maneira semelhante, desenvolveu-se em um ambiente cultural distinto (o do pensamento neerlandês) e, desde então, tem explorado seu lugar como uma teoria global. Mas será que, por exemplo, os esquemas argumentativos que funcionam tão bem para lógicos informais que estudam argumentação política no Canadá são apropriados para os mesmos estudos ou estudos similares em outros lugares? Eu suspeito que não. E será que existem esquemas que descrevem o raciocínio empregado em outros lugares, mas que teriam pouca utilidade no Canadá? Eu acho que sim. Algumas culturas fazem muito mais uso de argumentos narrativos do que nós, por exemplo, e suspeito que existem alguns esquemas úteis de argumentação narrativa que podem ser desenvolvidos para descrever e avaliar como as pessoas argumentam em outros lugares.

Essa é, então, uma questão importante e que precisa fazer parte da futura pauta de pesquisa do nosso campo. De muitas maneiras, no livro sobre antropologia, eu estava apenas levantando questões que espero que outros estejam interessados em explorar.

EID&A: Aproximando-nos do fim da entrevista, gostaríamos de destacar para nossos leitores que você é agora o diretor do CRRAR e coeditor do periódico *Informal Logic*. Considerando sua posição em ambos, gostaríamos de lhe perguntar o seguinte:

A. Que papel você vê para a argumentação nesses dias de turbulência política e de polarização? Qual é o papel social do pesquisador em argumentação em um momento no qual muitos falam de uma “crise da democracia”?

Christopher Tindale: A argumentação tem um papel central na saúde intelectual das sociedades em todos os momentos, mas particularmente quando as divisões políticas criam mais desacordos do que o normal. Em termos pedagógicos, continuam a surgir melhorias na forma como a argumentação e as habilidades (e disposições) associadas a ela são ensinadas. Nesse ponto, um dos objetivos é desenvolver as habilidades gerais das pessoas em enfrentar o mau raciocínio e em raciocinar melhor consigo mesmas. Em termos teóricos, os estudiosos estão produzindo novas ferramentas (e refinando as que temos) para entender a argumentação e lançar luz sobre seu funcionamento em diferentes campos. Quando falo de novas ferramentas, estou pensando nos trabalhos sobre estilo argumentativo

que têm sido realizados pelos pesquisadores da Pragmadialética; e quando falo de refinar as ferramentas que temos, estou pensando nos constantes desenvolvimentos da teoria dos esquemas.

Precisamos tornar esse tipo de material disponível para pessoas de todas as camadas sociais, mas especialmente para aqueles que podem influenciar opiniões ou trabalhar no desenvolvimento de políticas públicas. Isso acontecerá à medida que as pessoas se tornarem mais conscientes desse campo interdisciplinar como uma área viável de realizações acadêmicas e ideias práticas. Isso faz com que as aplicações da teoria da argumentação sejam muito importantes. Precisamos, por exemplo, explorar como os ambientes cognitivos em que operamos se tornam poluídos com notícias e crenças falsas.

B. Quais são, em sua opinião, as novas fronteiras dos estudos da argumentação? Quais são os temas que merecem a atenção de nossos jovens pesquisadores?

Christopher Tindale: Já falei sobre novos tópicos importantes em algumas de minhas respostas anteriores. Repensar as suposições de algumas das escolas teóricas contemporâneas à luz de sua adequação a outras culturas é uma dessas fronteiras do desenvolvimento, e explorar como esquemas podem surgir a partir da forma como as pessoas argumentam fora dos contextos tradicionais europeus e norte-americanos está relacionado a isso.

A argumentação multimodal é uma área que merece mais atenção do que tem recebido, então considero promissoras novas pesquisas nesse sentido. E o recente surgimento da argumentação das virtudes (*virtue argumentation*) é algo que está começando a atrair a atenção de jovens pesquisadores. De modo geral, como sugeri anteriormente, o campo se beneficiaria de um trabalho mais experimental (ou seja, empírico). Precisamos ser capazes de mostrar que as conclusões teóricas a que chegamos sobre a argumentação realmente refletem os modos como as pessoas a vivenciam e isso requer estudos empíricos. A Pragmadialética teve certo sucesso na condução de trabalhos assim, sustentando que as regras de discussão crítica refletem os modos como as pessoas raciocinam em tais situações. Os lógicos informais ainda têm que realmente enfrentar o desafio da confirmação empírica (sobre, por exemplo, o modo como os esquemas são entendidos e usados), e isso se deve em parte ao fato de que tais estudos requerem um tipo diferente de pesquisador, treinado em metodologias das ciências sociais. Se programas interdisciplinares de pós-graduação conseguirem atrair estudantes com tal formação, isso poderia ter um impacto positivo no campo. Vou repetir o que disse anteriormente: em muitas disciplinas, a maioria das

questões importantes de pesquisa já foram abordadas, mas esse não é nosso caso; somos um campo em crescimento. Isso é animador para jovens pesquisadores, que podem esperar gerar um impacto caso encontrem o projeto certo.

C. Que avaliação você faz do CRRAR em termos de formação de pesquisadores em argumentação? Em que medida o Centro tem sido aberto ao intercâmbio de estudantes e pesquisadores do Sul e do Norte Globais e à diversidade humana?

Christopher Tindale: Ao longo dos dezesseis anos de sua existência, o CRRAR teve bastante sucesso em atrair pesquisadores visitantes, tanto acadêmicos consolidados e pesquisadores de pós-doutorado quanto estudantes de doutorado. Normalmente, temos pelo menos dois que ficam conosco a cada semestre acadêmico, e outros acabam vindo por alguns dias e proferem alguma palestra. Esses pesquisadores vêm principalmente da Europa, da China e de outros lugares da América do Norte, mas tivemos a sorte de ter um estudante de pós-doutorado do Brasil no ano passado. Esse programa de visitantes cria um ambiente intelectual vibrante do qual todos os participantes se beneficiam. Os visitantes aprendem conosco, mas também aprendemos muito com acadêmicos de fora, especialmente com aqueles que tiverem estadias mais longas. Não sei por quanto tempo isso vai continuar, porque perdemos alguns de nossos membros mais antigos, que eram importantes para atrair pessoas do exterior. Contudo, temos uma boa base a partir da qual podemos evoluir.

Nos últimos anos, essas atividades foram complementadas pela criação do nosso programa interdisciplinar de doutorado em Estudos de Argumentação. Agora há a presença constante de jovens pesquisadores (atualmente, são quinze estudantes ativos). A perspectiva que eles trazem para os nossos seminários de pesquisa semanais é muito relevante, uma vez que eles têm formulado diferentes tipos de questionamento e levado as ideias discutidas de volta para seus próprios projetos. Além disso, eles certamente trazem mais diversidade ao nosso grupo. Assim, quanto a um futuro promissor para o campo de estudos sobre a argumentação, isso é algo que vemos todos os dias.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. 2. ed. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1962.

GROARKE, Leo; TINDALE, Christopher W. **Good reasoning matters!** A constructive approach to critical thinking. 3. ed. Don Mills, Ont.; New York: Oxford University Press, 2004.

KAHAN, Dan M.; BRAMAN, Donald. Cultural Cognition and Public Policy. **Yale Law & Policy Review**, v. 24, n. 1, p. 149–172, 2006.

LEVY, Neil. **Bad beliefs:** why they happen to good people. New York: Oxford University Press, 2021.

LITTLE, J. Frederick. **Critical Thinking and Decision Making:** A Methodology for Analysis, Evaluation and Review. Butterworths, 1980.

MERCIER, Hugo. **Not born yesterday:** the science of who we trust and what we believe. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2020.

PERELMAN, Chaïm. **The Realm of Rhetoric.** Notre Dame; London: University of Notre Dame Press, 1982.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **The new rhetoric:** a treatise on argumentation. Translated by John Wilkinson; Purcell Weaver. Notre Dame; London: University of Notre Dame Press, 1969 [1958].

TINDALE, Christopher W. **Acts of arguing:** a rhetorical model of argument. Albany, N.Y: State University of New York Press, 1999.

TINDALE, Christopher W. **Fallacies and Argument Appraisal.** Leiden: Cambridge University Press, 2007.

TINDALE, Christopher W. **The Philosophy of Argument and Audience Reception.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TINDALE, Christopher W. **Retórica y teoría de la argumentación contemporáneas:** ensayos escogidos de Christopher Tindale. Edição: Cristián Santibáñez. Medellín: Editorial EAFIT, 2017.

TINDALE, Christopher W. **The anthropology of argument:** cultural foundations of rhetoric and reason. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2021.

TOULMIN, Stephen. **The uses of argument.** Cambridge, U.K.; New York: Cambridge University Press, 2003 [1958].